diariodopara jornaldiariodopara jornaldiariodopara

Diário do Pará TERÇA-FEIRA, Belém-PA, 23/09/2025

SÉRIE DIÁRIO DOCUMENTO 2025

43 ANOS Diário do Pará DIARIAMENTE EVOLUINDO

FASCÍCULO 4

FOTO: ANTÔNIO MELO / DIÁRIO DO PARÁ

Sustentabilidade

RESPEITO À NATUREZA

Educação ambiental e turismo sustentável caminham lado a lado na construção de uma cultura de preservação e valorização da natureza.

Oferecimento:

banco da amazônia

SEBRAE COP 30

SEBRAE

Sustentabilidade

Espaço dedicado à vida e ao equilíbrio ambiental

Resultado da revitalização de uma área de 40 mil metros quadrados, o Parque Zoobotânico Mangal das Garças é um dos espaços de concentração de área verde que compõem a paisagem de Belém. Mais do que isso, o espaço presta um importante serviço ambiental para a cidade, ajudando a regular o clima, a promover a conservação de espécies da fauna e flora, além de promover a educação ambiental e a divulgação científica.

Às margens do Rio Guamá, o local abriga diferentes espécies de árvores originais que foram preservadas, além de um aningal que funciona como um filtro natural capaz de absorver quantidades consideráveis de minerais presentes no solo. Toda essa natureza preservada contribui com a salvaguarda e reprodução de diferentes espécies de animais de vida livre, que conseguem passear pela cidade e encontrar no Mangal um ponto de apoio.

As próprias aves que dão nome ao parque zoobotânico, as garças, são um desses animais de vida livre que transitam pelo parque. Exatamente por isso, um detalhe importante em relação ao cuidado com as aves é observado: a alimentação delas é calculada pela equipe técnica para não atrapalhar os hábitos de caça e pesca dos animais. E todo esse cuidado pode ser acompanhado pela população que visita o parque, em ações de educação ambiental que ensinam através da prática.

"Diariamente nós temos várias atividades relacionadas com a educação ambiental. A gente vê elas também como uma divulgação científica de maneira informal porque, além da gente falar da importância desses animais para a natureza, sobre as interações que eles têm com o ambiente e sobre qual a necessidade deles para o equilíbrio da vida, inclusive, dos seres humanos, a gente ainda fala da biologia dessa espécie", explica o biólogo do Mangal das Garças, Basílio Guerreiro. "Temos diariamente a alimentação de tartarugas e de peixes e, nesse momento, é falado quais são essas tartarugas, de

Educar, encantar e preservar: missão diária do Mangal das Garças FOTO: MAURO ÂNGELO / DIÁRIO DO PARÁ

EXPEDIENTE - Presidente do Grupo RBA: Camilo Centeno · **Diretor de Redação:** Clayton Matos · **Editor responsável :** Carlos Eduardo Vilaça
Textos: Cintia Magno · **Diagramação:** Júlio Brasília

onde elas vieram, que essas tartarugas todos os anos se reproduzem com mais de 200 filhotes lá no Parque e esses filhotes são encaminhados para a natureza através dos órgãos ambientais".

Diariamente o parque também realiza a soltura das borboletas, momento em que uma pessoa da equipe explica aos visitantes por que as borboletas estão lá, como acontece o processo de reprodução, a importância biológica delas para o meio ambiente a partir da polinização e renovação das florestas, adubação do solo, alimentação para outros animais. Também todos os dias, há o momento de passeio com o tucano, com o araçari e com os gaviões e as corujas que são os rapinantes, que fazem a falcoaria. "Nessas horas, em todos esses momentos, um funcionário do parque ou um estagiário vai explicar as condições que esses animais chegaram ao parque e porque eles estão lá. Nós sempre deixamos muito claro que esses animais estão lá porque vieram de alguma situação desagradável, de uma apreensão, de contrabando, tráfico, maus tratos. Então, esses animais só ficam em posse dos zoológicos, se eles não tiverem condição alguma de voltar para a natureza".

Após a reavaliação após a quarentena, os animais que chegam ao parque passam por um processo de reabilitação. Neste processo, os técnicos atuam para recuperar o animal, mas com o mínimo contato possível, principalmente se ele for um animal que já demonstra não aceitar bem o contato com humanos. O cuidado é necessário para buscar a reintegração do bicho ao meio ambiente após a recuperação. "Se ele tiver condições de retorno para a natureza, que é o nosso objetivo principal, entramos em contato com o órgão ambiental que fez a entrega para a gente para ele promover a soltura no local adequado. Então, deixamos sempre muito claro em toda a nossa programação de educação ambiental que os animais só ficam no zoológico se eles realmente não tiverem condições de voltar para a natureza".

Os animais que não se encontram em condições de retornar ao habitat natural, como é o caso de três corujas que só tem um lado das asas e que vivem no Mangal das Garças, são acolhidos pelo parque e participam das ações de educação ambiental.

Como consequência, o veterinário aponta que, muitas vezes, o público não apenas entende a importância desses animais para o meio ambiente, como acabam se afeiçoando. Em alguns casos, inclusive, animais que são estigmatizados pelo senso comum como representantes de mau agouro, como é o caso de algumas espécies de corujas, passam a ter a sua importância reconhecida e desmistificada. "Algumas pessoas chegam com uma visão um pouco distorcida desses animais, então, quando elas têm o contato direto, começam a ver de outra forma. Inclusive, a gente observa que tem pessoas que vão uma vez e acabam virando habituais, quase todo final de semana estão por lá, e já criam uma certa afeição pelos animais que fazem a apresentação. Então, por exemplo, se eles vão um dia e não veem a Olívia já perguntam por que ela não saiu naquele dia, se ela está bem. Então, é muito gratificante ver a mudança de pensamento das pessoas após conhecer a biologia do animal".

O Mangal das Garças é onde natureza e ciência se encontram FOTO: RICARDO AMANAJÁS / DIÁRIO DO PARÁ

FIQUE POR DENTRO!

PROGRAMAÇÃO

Confira a programação de ações de educação ambiental do Mangal das Garças que ocorre diariamente

- 9h – Passeio com os mini-rapinantes, corujas pequenas que medem cerca de um palmo.
- 10h - Soltura de borboletas.
- 10h15 - Alimentação das tartarugas.
- 10h30 - Falcoaria com o gavião.
- 11h, 15h e 17h30 - Alimentação das garças
- 17h - Passeio das corujas e falcoaria.

ALERTA

O biólogo do Mangal das Garças, Basílio Guerreiro, alerta que nenhum zoológico tem autorização para receber animais silvestres. Se uma pessoa se deparar com algum animal silvestre machucado e que estiver solto, é preciso acionar a Polícia Ambiental através do número 190. Ela ficará responsável por fazer o recolhimento. Caso o animal esteja contido, em uma caixa ou em uma gaiola, Basílio explica que é possível levá-lo diretamente na Semas e fazer a entrega voluntária desse animal.

Sustentabilidade

Aprender com a natureza para proteger o futuro

Em um cenário global onde 242 milhões de estudantes em 85 países tiveram suas vidas escolares impactadas por eventos climáticos extremos em 2024, incluindo ciclones, tempestades, inundações e secas, a necessidade de uma educação ambiental que promova engajamento nunca foi tão evidente. No Brasil, esse número atingiu 1,7 milhão de estudantes, com destaques para as enchentes no Rio Grande do Sul e a seca severa em outras regiões. Diante dessa realidade, o UNICEF Brasil destaca que o caminho para mudar a realidade onde crianças e adolescentes são os mais vulneráveis e suscetíveis à crise climática passa, fundamentalmente, por uma educação ambiental que promova reconexão com o meio ambiente.

Iniciativa do UNICEF visa formar agentes para a transformação ecológica FOTO: DIVULGAÇÃO

A educação baseada na natureza surge como uma ferramenta essencial nesse processo, propondo um aprendizado que ocorre com e na natureza. É uma iniciativa que vai além dos muros da sala de aula, buscando integrar o verde no dia a dia dos estudantes, desde a primeira infância. A Oficial de Educação do UNICEF Brasil, Erondina Barbosa da Silva, chama a atenção para o fato de as crianças e adolescentes de hoje conviverem significativamente menos com o ambiente natural do que as gerações passadas. Cenário que é agravado pelo uso excessivo de telas e dispositivos eletrônicos.

Neste sentido, Erondina destaca que, por meio da iniciativa Entre no Clima, o UNICEF busca mobilizar crianças, adolescentes e jovens para o enfrentamento da crise climática, capacitando-os a serem agentes de transformação e regeneração ecológica. "E dentro dessa iniciativa, a gente desenvolve materiais, desenvolve formação e uma das formações é o que a gente chama de Educação Baseada na Natureza", explica. "A gente tem a parceira estratégica com a Neoenergia e o parceiro técnico e implementador que é o Instituto Alana, que tem uma larga experiência em educação socioambiental".

A educação baseada na natureza visa justamente promover a reconexão com a natureza, permitindo que crianças e jovens se sintam parte integrante do mundo natural, e não apenas observadores externos. "O principal objetivo do Educação Baseada na Natureza é a gente formar gestores, coordenadores pedagógicos, professores para que eles façam esse engajamento dos estudantes e da comunidade escolar no desenvolvimento de projetos de educação socioambiental".

Para isso, Erondina aponta que esse modelo é pensado para crianças da educação infantil, o que envolve desde bebês a crianças, além de meninos de anos iniciais e de anos finais. "Uma das for-

A educação baseada na natureza busca reconectar estudantes com o meio ambiente e fortalecer os benefícios da ação climática FOTO: DIVULGAÇÃO

mas de se trabalhar é justamente promovendo essa reconexão das crianças, dos adolescentes e dos jovens com a natureza. Então, os cursos e os materiais que a gente desenvolveu, vão nessa perspectiva de não apenas levar as crianças para fora da escola, para que elas convivam com espaços mais verdes, com espaços mais naturais, como trazer mais verde para dentro das escolas", explica. "A gente trabalha com o conceito de desemparedamento das crianças, que é justamente garantir o direito das crianças e dos adolescentes de estar na natureza, de estar em ambientes verdes. E ao mesmo tempo, a gente estimula as escolas a trazer mais verde para dentro das escolas".

Uma forma de levar o verde para dentro das escolas passa, primeiro, pelo currículo escolar. O UNICEF entende que o currículo precisa trabalhar a crise climática, trabalhar a eficiência energética, o reaproveitamento de resíduos e o uso sustentável da água. "A gente pode trazer isso para dentro do currículo escolar, mas não apenas dentro do currículo, mas para dentro dos espaços escolares – e aí eu estou falando do espaço físico mesmo. ", pontua a Oficial de Educação do UNICEF Brasil. "A gente trabalha também na perspectiva de naturalização dos espaços escolares para garantir que as crianças, mesmo dentro das escolas, tenham um espaçozinho verde, um gramado, uma árvore, uma horta".

Ainda em escolas em que não há espaços como jardins, Erondina destaca que a saída pode estar em levar o verde ainda que seja em uma planta no vaso, ou em uma horta vertical na parede. "E é possível fazer desde bebê. A gente pode levar as crianças, por exemplo, para pisar no gramado, crianças bem pequeninhas; a gente pode levar as crianças para conviver com o verde, para mexer na horta, colocar a mão no chão. A gente tem essa possibilidade de trabalhar e à medida que o currículo vai avançando para os anos finais, a gente vai aprofundando esses conceitos".

SAIBA MAIS

MATERIAL

- No site do UNICEF Brasil é possível ter acesso a uma série de materiais gratuitos que fazem parte da iniciativa 'Entrando no Clima: Educação Baseada na Natureza', entre cursos e planos de aulas. Entre os projetos, está inclusive um que foi desenvolvido para o Estado do Pará, o Guia de Possibilidades Pedagógicas 'Deixa que eu conto Vozes da Natureza: cuidando do planeta', que busca discutir com crianças pequenas temáticas relativas ao enfrentamento da crise climática, especialmente as mudanças climáticas, eficiência energética, reaproveitamento de resíduos e uso racional da água. Em cinco episódios que envolvem histórias da cultura popular e histórias inventadas, o projeto traz perguntas e atividades para crianças de 0 a 8 anos de idade.

- O material pode ser acessado em https://www.unicef.org/brazil/entrenoclima-educacao-e-natureza.

Modelo de base comunitária fortalece a autonomia local, valoriza saberes tradicionais e conserva ecossistemas no Pará
FOTOS: KATRINE BENTES / ASCOM SEMTUR

Turismo com raízes amazônicas

Alternativa aos modelos convencionais, o Turismo de Base Comunitária (TBC) tem ganhado espaço com iniciativas desenvolvidas em diferentes regiões do Estado do Pará. Neste modelo, o protagonismo é centrado nas comunidades locais que apresentam a quem chega não apenas o seu território, mas também o seu modo de vida e as suas experiências. Uma forma de promoção do turismo que contribui com a conversação, na medida em que gera recursos a partir da floresta em pé.

A coordenadora do Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal do Pará (IFPA) e pesquisadora da Rede Internacional de Pesquisa Turismo e Dinâmicas Socioterritoriais Contemporâneas, Elcivânia de Oliveira Barreto, explica que o Turismo de Base Comunitária (TBC) se diferencia de modelos convencionais de turismo que, muitas vezes, acabam se configurando de maneira excludente e predatória. "Diferente do turismo tradicional, que trata as comunidades apenas como cenário ou fornecedoras de serviços, o TBC propõe que os próprios moradores sejam autores e gestores do desenvolvimento turístico em seus territórios", resume. "Embora o conceito ainda careça de consenso acadêmico, pesquisadores destacam que o TBC não se limita a um segmento do turismo, mas representa um modelo de gestão capaz de integrar desenvolvimento econômico, valorização cultural e sustentabilidade socioambiental. Especialistas ressaltam que essa abordagem é especialmente relevante diante dos desafios contemporâneos, como as mudanças climáticas, pois permite que as comunidades desenvolvam estratégias locais de adaptação e mitigação, com base no protagonismo coletivo e na valorização de saberes tradicionais".

E a professora lembra que, na prática, experiências já desenvolvidas na Amazônia ilustram o potencial transformador do modelo. A professora destaca que comunidades como São Marcos, São Miguel e Anã, na Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós Arapiuns, e Atodí, no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande, em Santarém, mostram como o turismo comunitário pode estimular a autonomia, conservar ecossistemas, valorizar práticas culturais e distribuir de forma mais equitativa os benefícios gerados. "Na Amazônia, iniciativas como a da comunidade de Anã, na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns, mostram como o turismo pode se integrar a práticas sustentáveis. Os moradores foram capacitados em educação ambiental, manejo do lixo e condução responsável de visitantes em áreas sensíveis. O turismo foi planejado não para substituir atividades tradicionais, mas para complementá-las, incentivando a conservação de florestas, rios

e igarapés — os mesmos elementos que atraem os visitantes", exemplifica. "Esse modelo de gestão do turismo cria uma relação direta entre natureza, cultura e hospitalidade, transformando o visitante em parceiro da preservação. Em vez de consumir a paisagem, ele aprende a conhecê-la de forma respeitosa, valorizando a biodiversidade e os modos de vida locais".

Ainda tomando como exemplo a comunidade de Anã, a professora considera que estruturar o Turismo de Base Comunitária vai além de montar hospedarias ou oferecer passeios em comunidades. Antes de tudo, Elcivânia considera que se trata de um processo de organização coletiva, no qual os moradores decidem se desejam ou não trabalhar com o turismo e, a partir dessa decisão, planejam, executam e monitoram em conjunto a melhor forma de receber visitantes sem perder sua identidade e seu modo de vida. "A experiência da comunidade ribeirinha de Anã revela como a atuação em associações e grupos de trabalho foi fundamental para inserir o turismo no território. O turismo não chegou como um pacote pronto: foi fruto de mobilização local", explica. "Associações de moradores e grupos de mulheres já atuavam antes mesmo da chegada dos visitantes, o que facilitou a criação de estruturas de hospedagem, alimentação e roteiros de vivência. Hoje, um grupo de trabalho coordena o turismo da comunidade e estabelece parcerias para a comercialização de roteiros, entre elas com a cooperativa TURIARTE, que reúne mais de 180 cooperados de 12 comunidades da região".

Ultrapassando a dimensão econômica, o turismo de base comunitária também promove benefícios relacionados ao fortalecimento da organização social, na medida em que exige planejamento coletivo e participação ativa dos moradores em todas as etapas do processo. A professora Elcivânia destaca que isso amplia a autonomia das comunidades, que deixam de ser meras fornecedoras de mão de obra e passam a controlar o desenvolvimento turístico em seus territórios. "Outro ganho é a valorização cultural. O TBC coloca tradições, saberes locais, culinária e artesanato no centro da experiência turística, reforçando o orgulho da comunidade sobre sua própria identidade", avalia. "Além disso, favorece o sentimento de pertencimento e a coesão social, estimulando laços comunitários e o protagonismo de jovens e mulheres. Na prática, iniciativas como a da comunidade ribeirinha de Anã, em Santarém (PA), mostram que o turismo também cria oportunidades de capacitação em hospitalidade, gestão e educação ambiental. Esses conhecimentos fortalecem a autoestima dos moradores e podem ser aplicados em outras áreas da vida comunitária".

FIQUE POR DENTRO!

PRINCÍPIOS

Os princípios do Turismo de Base Comunitária, conforme elenca a pesquisadora Marta Irving, incluem:

*autogestão;
*valorização da identidade local;
*equidade na distribuição de benefícios;
*compromisso ambiental;
*desenvolvimento endógeno;
*escala limitada com impactos controlados;
*participação social no planejamento e gestão;
*afirmação cultural e interculturalidade;
*"encontro" como experiência central.

INICIATIVAS

Confira outras iniciativas de Turismo de Base Comunitária desenvolvidas no Estado.

- **Comunidade São Miguel**

A comunidade de São Miguel, na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, trabalha desde 2012 como o turismo em seu território, desenvolvendo atividades como trilha e igarapé, oficinas de cerâmica e artesanato e pigmentação em palha, almoço hospedagem no redário ou em casas de famílias da comunidades, Piracaia (peixe assado na praia), incluindo bebidas, carimbó e contação de histórias; observação de animais noturno e a mesa da cura, com óleos essenciais (extraídos na comunidade) e as plantas medicinais, além da oficina da culinária local. O Turismo na comunidade é coordenado pela Associação de Turismo e Artesanato Artepalha.

- **Comunidade São Marcos**

Outro exemplo é a comunidade de São Marcos, também na Resex Tapajós-Arapiuns. Ali, a Associação de Turismo e Artesanato dos Moradores da Comunidade de São Marcos (ARTUSAM) organiza passeios de canoa no igapó, caminhadas em trilhas até o igarapé, farinhada (oficina de produção da farinha de mandioca); hospedagem em redário e Piracaia; e a oficinas de artesanato (madeira e palha).

Comunidades do rio Arapiuns desenvolvem turismo de base comunitária

- **PAE Lago Grande**

No Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Lago Grande, a comunidade de Atodí segue caminho semelhante. Por meio da organização de grupos de gestão e da valorização da culinária tradicional e do artesanato, o turismo tornou-se fonte de renda complementar, sem substituir as demais atividades desenvolvidas pelos moradores.

Fonte: Elcivânia de Oliveira Barreto - coordenadora do Curso Técnico em Guia de Turismo do Instituto Federal do Pará (IFPA) e pesquisadora da Rede Internacional de Pesquisa Turismo e Dinâmicas Socioterritoriais Contemporâneas.

Sustentabilidade

Uma solução local para desafios globais

O desenvolvimento de um modelo de turismo sustentável e que reconheça o protagonismo das populações e comunidades tradicionais possibilita não apenas um serviço mais alinhado às necessidades do planeta, mas, sobretudo, boas oportunidades de trabalho para as comunidades sem que elas precisem se afastar de seus próprios territórios. Diante da valorização dos saberes tradicionais e dos recursos locais, o chamado turismo sustentável se alinha a conceitos que já têm grande destaque no Norte Global, os empregos verdes e as habilidades verdes.

Em publicação recente, o UNICEF Brasil fez um apanhado de literatura tentando conectar o conceito de empregos verdes à realidade brasileira, buscando entender os cenários de oportunidades e limitações que se relacionam à inserção socioprodutiva de jovens em mercados do futuro, em mercados que contribuem para preservação, para regeneração do meio ambiente e que têm o componente social importante da inclusão.

Além da literatura, o estudo 'Habilidades e empregos verdes para adolescentes e jovens no Brasil' também faz um apanhado de grupos focais, ouvindo adolescentes e jovens que puderam expressar as suas vontades, limitações, oportunidades e desejos dentro desse mercado.

A Oficial de Clima e Meio Ambiente do UNICEF Brasil, Mariana Buoro, considera que, dentro da perspectiva esperada de um mercado do futuro que não se relacione com natureza de forma predatória

Gerson Tadeu recebe turistas para conhecer experiências ribeirinhas no Espaço Ygara, no Combu

FOTO: DIVULGAÇÃO

ou sem um componente de inclusão, o desenvolvimento de um turismo sustentável se alinha ao conceito de empregos verdes. "A gente está entendendo que o turismo sustentável oferece oportunidades de trabalho que são muito interessantes desse ponto de vista social, econômico e ambiental porque ele permite, por exemplo, um trabalho no próprio território, que valoriza saberes locais, recursos locais, pessoas locais e é uma chave diferente de mercados tradicionais em que os jovens de zonas rurais, de zonas periféricas têm que se mudar, sair do seu território para ter acesso a uma educação, a uma oportunidade formal".

Um dos grandes gargalos para o acesso da juventude ao mercado de trabalho está, exatamente, na obrigatoriedade de ter que deixar o seu território para ter melhores oportunidades. Para além dos efeitos diretos na vida individual de cada pessoa, essa prática prejudica a sustentabilidade de atividades locais nos territórios e a continuidade cultural de comunidades. E o turismo é muito rico em vários sentidos, mas um deles é porque permite oportunidade de trabalho no próprio território e porque valoriza o próprio território. "Em contextos em que as pessoas sempre tiveram que sair para conseguir educação, para conseguir emprego, que todo repertório cultural mais valorizado é o do outro e não o daqui, existe uma fragilidade", contextualiza Mariana. "Então, o turismo sustentável tem uma reconexão com o valor próprio cultural, territorial que é muito importante e uma chave importante para a revalorização de jovens em situação de vulnerabilidade, jovens em áreas periféricas, jovens em comunidades tradicionais".

Mariana destaca que o turismo sustentável que se espera, o que se quer, é aquele conectado com as comunidades. "Não é um turismo que é operado só por gente de fora e que não se conecta com a população que mora lá, que vai até o território só ver a paisagem, não entendendo que a paisagem tem conexão com as práticas culturais, com as populações que existem lá. Então, o turismo sustentável é importante porque pode gerar renda, fortalecer a identidade local e criar oportunidade para jovens que antes estavam à margem e que antes provavelmente sairiam de lá para buscar uma oportunidade".

Banho de cheiro: exemplos no Pará mostram que a conexão entre visitantes e comunidades pode gerar inclusão, renda e preservação FOTO: DIVULGAÇÃO

Quando se pensa em conhecer, verdadeiramente, um território e toda a cultura que está associada a ele, não há dúvidas de que as pessoas que moram nele são as que melhor podem planejar um roteiro turístico para mostrar as suas riquezas. "O turismo verdadeiramente rico, que a gente quer valorizar, que a gente acredita como um mercado de futuro, é um turismo que reconhece o protagonismo que já existe em quem mora lá naquela região, que consegue conectar, valorizar e mostrar esse espaço de uma forma que atrai gente de fora, mas que conecta com as pessoas locais", analisa a Oficial de Clima e Meio Ambiente do UNICEF Brasil. "O potencial turístico do Pará é imenso e é pouco explorado neste modelo que a gente gostaria de valorizar. Mas esse modelo não é inédito. Tem iniciativas que já fazem isso, que já reconhecem o protagonismo da gente local, que já fortalecem as capacidades de gente local para permitir que esse protagonista brilhe mais ainda e que ele conecte com oportunidades econômicas de fora que estão interessadas".

E os exemplos estão mais próximos do que se pode imaginar. A 15 minutos de barco da área urbana de Belém, na Ilha do Combu, Gerson Tadeu Teles e Teles, conhecido por todos como Charles, recebe visitantes e turistas na casa onde mora com a família, no Igarapé do Piriquitaquara. No empreendimento de turismo de experiência que ele mantém com a esposa Iracema, o Ygara, eles apresentam mais do que a natureza que caracteriza a Ilha do Combú, mas também o modo de vida e as tradições das famílias paraenses que vivem nas florestas, o que inclui a tradição do banho de cheiro. "Nós nascemos e nos criamos na floresta. A minha mulher é daqui do Combu e eu sou do Acará. Lá, os meus avós e os meus pais sempre plantavam erva só para o nosso próprio consumo. Era pra fazer um remédio, para curar uma dor, para fazer xarope para curar garganta inflamada e para o banho de ervas, um banho de limpeza para trazer boas energias", conta Charles. "Isso sempre fez parte da nossa cultura".

Turismo e conservação caminhando juntos

As Unidades de Conservação (UCs) federais registraram em 2024 o maior número de visitantes da história. Segundo dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), mais de 25,5 milhões de pessoas estiveram em 161 UCs de diferentes categorias, distribuídas por todas as regiões do Brasil — entre elas, áreas localizadas no Pará. O crescimento reforça a busca por destinos que aproximam o turista da natureza.

No Pará, a tendência também foi de alta. As dez unidades monitoradas pelo ICMBio receberam 515.369 visitantes no ano passado, bem acima dos 310.681 registrados em 2023. O destaque ficou para a Reserva Extrativista (Resex) Marinha de Soure, no arquipélago do Marajó, que saltou de pouco mais de 98 mil visitas em 2023 para mais de 273 mil em 2024.

Situada na foz do rio Amazonas, a Resex de Soure integra a maior faixa contínua de manguezais do planeta. O território abriga alguns dos manguezais mais altos do mundo, além de dunas costeiras e rica fauna silvestre. Essa combinação de ecossistemas, somada às praias, faz do local um dos principais pontos de atração turística, especialmente durante o chamado "verão amazônico".

Mais do que cenário natural, a reserva cumpre papel essencial na preservação dos recursos ambientais e na manutenção dos modos de vida das comunidades tradicionais que vivem do extrativismo. O reconhecimento desse trabalho veio em 2024, quando a Resex de Soure se tornou a primeira unidade de conservação brasileira a integrar a Lista Verde de Áreas Protegidas da União Internacional para Conservação da Natureza. O selo certifica áreas que se destacam pela gestão eficiente e pelos resultados alcançados na conservação.

Belezas naturais e cultura marajoara colocam a reserva no mapa do turismo de natureza
FOTO: REPRODUÇÃO ICMBIO

SAIBA MAIS

Visitas registradas em unidades de conservação federais no Pará em 2024:

- 394.970 visitas em 6 Reservas Extrativistas monitoradas
- 117.642 visitas em duas Florestas Nacionais
- 2.389 visitas em um Parque Nacional
- 368 visitas em 1 Reserva Biológica

Fonte: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).

Localizada a aproximadamente 80 km de Belém, a Resex Marinha de Soure conta com quatro praias paradisíacas que recebem uma grande quantidade de visitantes ao longo de todo o ano, principalmente no período de férias escolares. Com marés de até seis metros de altura, a região é banhada pela foz do Rio Amazonas, pela Baía de Marajó e pelo Oceano Atlântico. Por essa influência, as praias caracterizadas por extensas faixas de areia são banhadas ora por água doce marrom, ora salobra verde, a depender do período do ano. Também se destacam na paisagem dunas, manguezais, restingas, campos e canais de maré. Para além das belezas naturais, a unidade de conversação também é marcada pela riqueza cultural, saberes e modo de vida da população local, com destaque para a gastronomia e para a cerâmica marajoara.

SEBRAE COP 30

A força do Empreendedor brasileiro

Brado Brasil

O mundo está de olho no futuro que será apresentado na COP30. Para nós, esse futuro já tem nome: **é o pequeno produtor, o artesão, a microempresária**. É a força de quem inova, preserva e gera riqueza de forma sustentável.

Nossa missão é preparar e fortalecer esses negócios para que eles brilhem neste e em todos os outros momentos.

@sebraepa
0800 570 0800

SEBRAE

Enquanto houver **floresta viva e de pé**, seu negócio de **turismo sustentável nunca vai ter fim**.

Turismo é uma atividade presencial, uma experiência vivida. As pegadas dos visitantes são bem-vindas, portanto. E indispensáveis. Mas cabe a todo mundo que vive dessa viagem **fazer a pegada de carbono ficar mais leve** em todo o raio de alcance da nossa atividade. Promover o turismo mais responsável e consciente, adotando **tecnologias ecoeficientes**, **gestão mais respeitosa dos recursos naturais e a promoção de cadeias sustentáveis de suprimentos**. O Banco da Amazônia está do seu lado nesse desafio, financiando a **adaptação do seu negócio à lógica da sustentabilidade**, com a linha de crédito **FNO Amazônia Empresarial Verde**. Uma solução financeira sob medida para ampliar, diversificar e modernizar o turismo amazônico, com taxas e prazos atrativos.

Saiba mais:

banco da amazônia